

SEMINA

Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

Artigos Livres

Volume 30 | Número 3 | set-dez/2021

Edição eletrônica

DOI: 10.5335/srph.v20i3.12975

ISSN: 2763-8804

Organização

Jênifer de Brum Palmeiras

Tiara Cristina Pimentel dos Santos

Vestígios arqueológicos no norte do Rio Grande do Sul

Lieli Coelho Kolling¹  

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

OPEN  ACCESS

Google Scholar

Referência

KOLLING, Lieli Coelho. Vestígios arqueológicos no norte do Rio Grande do Sul. **Revista Semina**, Passo Fundo, vol. 20, n. 3, p. 157-176, set-dez 2021. Semestral.

Recebido em: 16/09/2021 | Aprovado em: 30/10/2021 | Publicado em: 28/12/2021

¹ Graduada em História pela UPF. Mestranda em História pelo PPGH UPF, Bolsista Prospec Capes.

Vestígios Arqueológicos no norte do Rio Grande do Sul

Resumo:

O presente artigo tem por objetivo evidenciar os vestígios arqueológicos encontrados no Norte do Rio Grande do Sul, especificamente no Município de Novo Barreiro. A fim de contextualizar os achados na região em estudo, será feita uma breve abordagem referente à História Antiga do Estado do Rio Grande do Sul. Posteriormente serão apresentados os artefatos líticos, os quais fazem parte de acervos pessoais e atualmente se encontram nas casas dos munícipes. Os acervos analisados apresentam vários artefatos como pontas de projétil, bolas de boleadeiras, lâmina de machado, mão de pilão e percutor. Pretende-se, a partir da apresentação do potencial arqueológico, possibilitar o conhecimento do patrimônio arqueológico, histórico e cultural, contribuindo para a valoração do espaço, preservação e compreensão dos processos de ocupação territorial e fenômenos históricos ali ocorridos.

Palavras-chave: História Antiga; Vestígios Arqueológicos; Patrimônio.

Archaeological traces in the north of Rio Grande do Sul

Abstract:

This article aims to highlight the archaeological remains found in the North of Rio Grande do Sul, specifically in the municipality of Novo Barreiro. In order to contextualize the findings in the region under study, a brief approach will be made regarding the Ancient History of the State of Rio Grande do Sul. Later, the lithic artifacts will be presented, which are part of personal collections and are currently found in the homes of citizens. The collections analyzed present various artifacts such as projectile tips, bolas, ax blade, pestle and hammer. It is intended, from the presentation of the archaeological potential, to enable knowledge of the archaeological, historical and cultural heritage, contributing to the valuation of space, preservation and understanding of the processes of territorial occupation and historical phenomena that occurred there.

Keywords: Ancient history; Archaeological remains; Patrimony.

Huellas arqueológicas em el norte de Rio Grande do Sul

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo destacar los restos arqueológicos encontrados en el norte de Rio Grande do Sul, específicamente en el municipio de Novo Barreiro. Con el fin de contextualizar los hallazgos en la región en estudio, se hará un breve acercamiento a la Historia Antigua del Estado de Rio Grande do Sul. Posteriormente, se presentarán los artefactos líticos, los cuales forman parte de colecciones personales y se encuentran actualmente en los hogares de los ciudadanos. Las colecciones analizadas presentan diversos artefactos como puntas de proyectil, bolas, hoja de hacha, maja y martillo. Se pretende, desde la presentación del potencial arqueológico, posibilitar el conocimiento del patrimonio arqueológico, histórico y cultural, contribuyendo a la valorización del espacio, preservación y comprensión de los procesos de ocupación territorial y fenómenos históricos que allí ocurrieron.

Palabras clave: Historia antigua; Restos arqueológicos; Patrimonio.

Pesquisas arqueológicas têm contemplado a incidência de remanescentes de ocupação na região Sul do Brasil, no interior a ocorrência desses fenômenos ainda necessita de pesquisas mais sistemáticas, é nesse sentido que se insere os esforços desse artigo.

Considerando que nem todas as sociedades passadas deixaram documentos escritos, os vestígios materiais adquirem um caráter de fonte documental, sendo possível construir conhecimento acerca das sociedades humanas remotas. Neste caso, se consideram como documentos e fontes os vestígios arqueológicos encontrados na região Norte do estado do Rio Grande do Sul, especificamente no município de Novo Barreiro. Estes vestígios são artefatos líticos que fazem parte de acervos pessoais de moradores da localidade.

Funari (2008, p. 96) afirma que “para tempos mais recentes, as fontes arqueológicas devem ser abordadas tendo em vista a possibilidade da analogia com outros povos em situação semelhante, no que chamamos de paralelo etnográfico”, pois acredita que as fontes arqueológicas podem nos dar muito mais informações se utilizarmos essa analogia etnográfica, proporcionando uma melhor compreensão dos vestígios. Nesse sentido, se pretendeu apresentar de forma breve, em um primeiro momento do artigo, a História Antiga do Rio Grande do Sul, abordando os primeiros grupos a se instalar no estado, características, alimentação, indústria lítica entre outros fatores, a fim de contextualizar os achados e fazer um paralelo com pesquisas semelhantes realizadas no Sul do país.

Já em um segundo momento será apresentado o potencial arqueológico do município, os artefatos líticos, os quais fazem parte de acervos pessoais e atualmente se encontram nas casas dos munícipes. Os acervos apresentam vários artefatos como pontas de projétil, bolas de boleadeiras, lâmina de machado, mão de pilão, percutor e até mesmo um suposto artefato ritualístico.

Desta forma, visa, também, somar o elemento indígena às narrativas de história e identidade do município e propõe possibilitar o conhecimento do patrimônio arqueológico, histórico e cultural da região. Assim contribuindo para a valoração do espaço, para a preservação e para a compreensão dos processos de ocupação territorial e fenômenos históricos ali ocorridos.

Breve História Antiga do Rio Grande do Sul

O início do povoamento no Rio Grande do Sul tem datação de 12 mil anos A.P (antes do presente) na transição do período Pleistoceno e Holoceno, com a chegada de grupos de

caçadores-coletores. Segundo a bibliografia arqueológica estes primeiros grupos tiveram como via de penetração a Região Sul do estado, divisa com Argentina e Uruguai. Salienta-se que os primeiros habitantes chegam em um período onde a megafauna está presente, indicando o contato com espécies de animais gigantes.

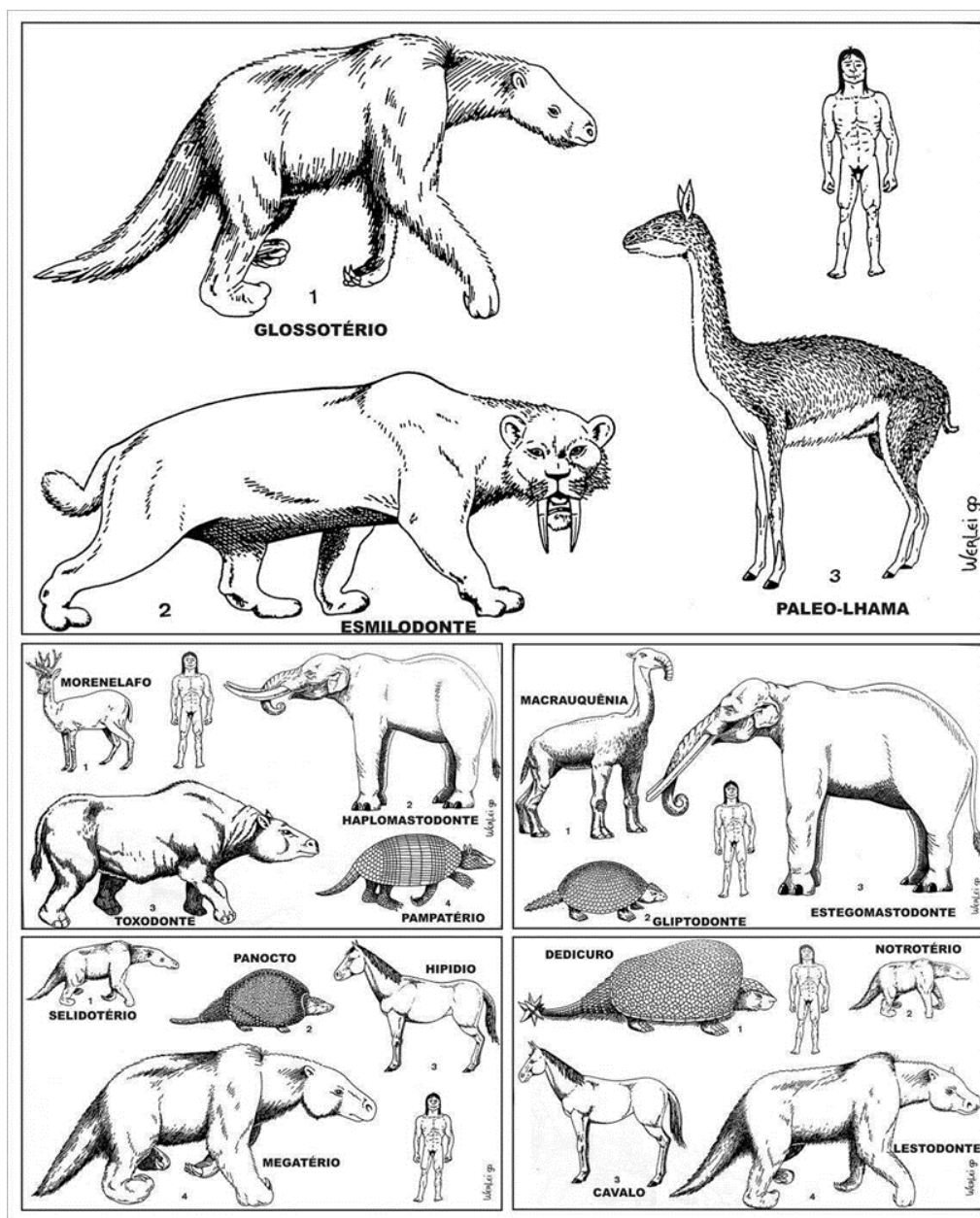


Figura 9. Animais da megafauna extintos no período de transição entre o Pleistoceno e Holoceno. Fonte: JACOBUS apud SCHMITZ, p. 174-178, 1991.

Durante o Holoceno inicial, dois grandes grupos de caçadores-coletores se desenvolvem e ocupam espaços, no interior do território gaúcho, em ambientes diferentes. O grupo mais antigo se estabelece nas zonas de campo e

nas fímbrias das florestas das vertentes do Planalto Meridional, expandindo-se em direção ao sul. Através do pampa uruguaio e argentino, mantém contatos com grupos similares que se estendem até a Patagônia. Outro grupo de caçadores-coletores se instala no interior das florestas subtropicais do planalto gaúcho e de suas vertentes, procurando os vales quentes e úmidos. Seus sítios arqueológicos são encontrados ao longo dos vales do Rio Paraná e de seus afluentes, em uma área que se estende, em direção ao norte até os limites com a zona tropical (KERN, 1991, p. 98)

As Tradições Umbu e Humaitá são as mais antigas já identificadas no estado. Ambas apresentam características semelhantes, porém é possível diferenciá-las em razão das formas, técnicas, tamanhos e matéria prima utilizada na confecção de artefatos, que na maioria das vezes eram adequados ao espaço que ocupavam. Vale salientar que o termo tradição, trata-se de uma forma de nomear a tecnologia de confecção de artefatos líticos. Tal terminologia tem o objetivo de facilitar o diálogo e intercâmbio de informações entre os pesquisadores. É importante destacar que a Tradição não é um equivalente étnico, mas sim uma forma de produção de artefatos que eventualmente pode ter sido compartilhada por diferentes grupos étnicos.

Os grupos que ocuparam as zonas de campo, Tradição Umbu, apresentam indústria lítica baseada em pontas de projétil, na sua grande maioria pequenas, utilizadas como pontas de flechas com gume serrilhado, também grandes para lanças e bolas de boleadeira, o que de fato é propício e adequado ao ambiente de campo que ocupavam. Outra manifestação desta tradição são as gravuras rupestres encontradas ao longo da encosta do Planalto Meridional (VICROSKI, 2011).

A tipologia lítica mostra uma grande diferença em relação à tradição Humaitá, mesmo sem levar em conta a existência de pontas de projétil. Já na escolha da matéria-prima, dá-se uma importância relativa bem maior às rochas mais frágeis (quartzo, sílex, calcidônia, ágata), que se prestam melhor à extração de lascas e ao retoque fino (inclusive por pressão) do que as rochas semifrágéis, como o basalto, procurado exclusivamente para fabricar os raros instrumentos pesados. O arenito era usado como polidor ou alisador (PROUS, 1992, p. 151)

Os alimentos consumidos eram providos de caça generalizada, os restos de alimentos encontrados por pesquisadores apresentam o veado, a anta, o porco do mato, a cutia, a paca, o coati, o bugio, o tatu, a jaguatirica, o ratão do banhado, a preá e lagartos. Também ossos de peixes, cascas de ovos de aves e frutas diversas (SCHMITZ, 2006).

Por volta de 9.000 A.P., a Tradição Humaitá se adapta às condições do Holoceno inicial e permanece próxima aos rios e nas florestas subtropicais. Esta tradição apresenta indústria lítica com artefatos maiores e mais pesados, sendo caracterizada por peças bifaciais e de

morfologia variada, como machados alongados, bumerangóides, choppers alongados, plainas, raspadores e lascas retocadas. Há indícios de que também confeccionavam instrumentos em madeira, sendo esses aquecidos no fogo a fim de endurecê-los e torná-los mais resistentes, era o caso de flechas e lanças (KERN, 1991).

Na maioria das vezes,

estes artífices da nossa pré-história utilizavam seixos de basalto como percutores, para lascar a pedra e fazer por percussão direta os seus instrumentos. Mesmo os retoques nos gumes, para torná-los mais afiados e mais eficientes, foram feitos através das técnicas de percussão. A maioria dos instrumentos parece ter sido feita para trabalhar a madeira, como as grandes plainas que são instrumentos líticos de forma plano-convexa, como os raspadores, mas de tamanho maior. Apresentam desgastes na base, o que indica a sua utilização para trabalhar a madeira. Uma variedade muito grande de pesados talhadores foram encontrados. Alguns foram, por igual, lascados bifacialmente. Os seixos lascados de maneira a terem em uma de suas extremidades um gume afiado serviram desde a mais remota antiguidade do homem até recentemente como uma espécie de machado manual rudimentar (KERN, 1994, p. 47)

Segundo o arqueólogo Arno Kern (1991, p. 98), “finalmente, quando o Holoceno inicial chega ao seu fim e se instalam as condições ambientais quentes e úmidas do Ótimo Climático (6.000 A.P.), sobre a planície costeira os sambaquis testemunham um outro modo de vida, pescador-coletor marinho, ao lado do oceano”. Foram formados sambaquis em todo o litoral, visto que

os sambaquis são acúmulos de conchas, ossos de peixes e outros resíduos de atividade humana, resultantes da ocupação do litoral marítimo por bandos especializados em sua exploração. São os resíduos mais volumosos produzidos por qualquer população pré-histórica brasileira. Podem formar morros de 30 metros de altura, ao longo de lagoas, lagunas, mangues, pântanos ou baías, onde os alimentos eram ricos, mas dificilmente são encontrados ao longo de praias retilíneas, onde o conjunto de alimentos é consideravelmente pobre (SCHMITZ, 2006, p.21).

Durante grande parte do ano os alimentos disponíveis em grande quantidade no litoral eram moluscos, crustáceos e peixes do mar. Outra forma de buscar alimentos era a caça de mamíferos nos territórios vizinhos, principalmente na encosta do planalto e na Serra do Mar, sendo o litoral lagunar um ambiente com vastos recursos disponíveis para o homem (SCHMITZ, 2006).

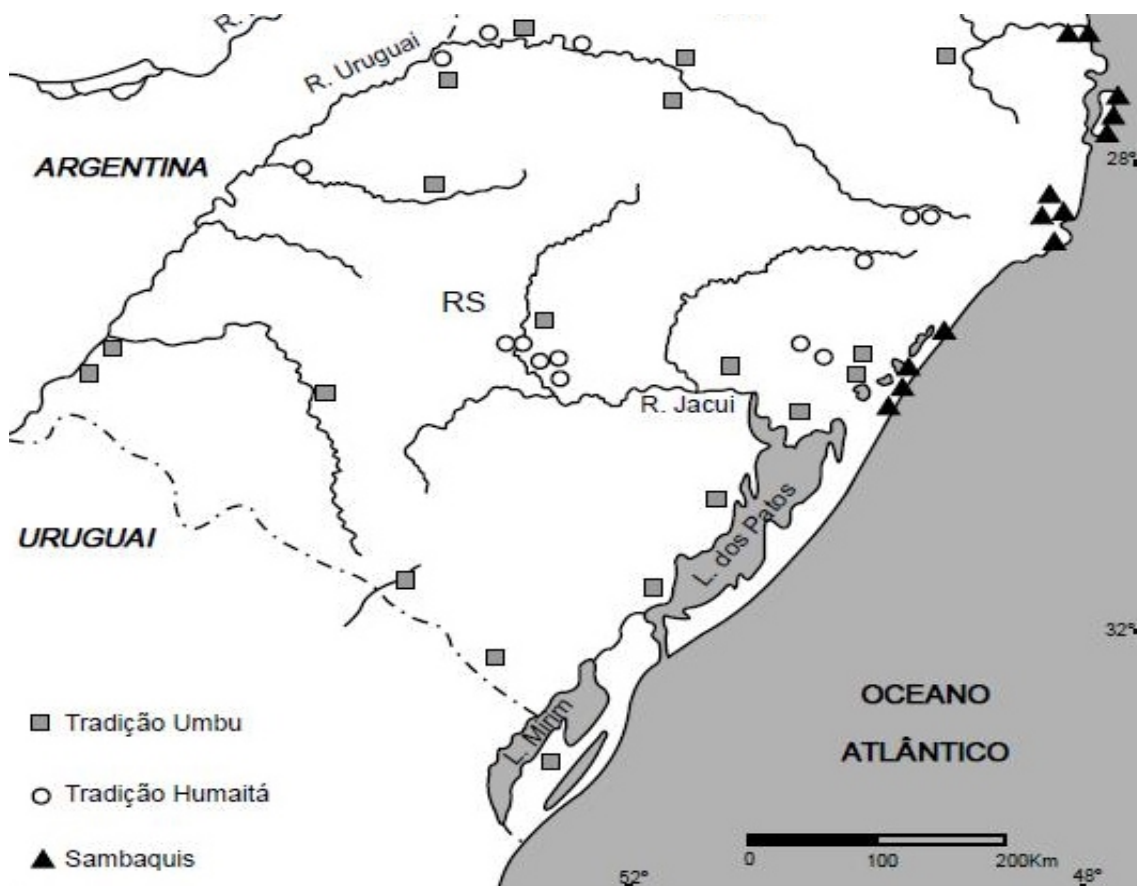


Figura 10. Mapa das áreas arqueológicas do Sul do Brasil datadas entre 4.000 anos a. C e 500 anos d. C: tradição Umbu, Humaitá e Sambaquis. Fonte: SCHMITZ, 2006, p. 27.

Estas tradições configuraram o cenário inicial de ocupação do estado do Rio Grande do Sul, contudo

a aparente estabilidade das populações Umbu e Humaitá começou a ser alterada pela invasão de duas levas principais de populações “ceramicistas”, agricultoras, de matriz cultural distinta, Tupi e Macro-Jê, por volta de 2.500 anos atrás, respectivamente originários da Amazônia e do Centro-Oeste do Brasil (NOELLI, 1999-2000, p. 228).

Estes povos já conheciam a horticultura, domesticação de animais, técnica de confecção de cerâmica e, com o tempo, introduzem estas inovações na cultura dos povos que já se encontravam no estado. Estes grupos são classificados em três tradições de acordo com a característica das cerâmicas produzidas. Imigrantes da Amazônia: Tradição Tupi-guarani, primitivos engenheiros do planalto e suas estruturas subterrâneas; Tradição Taquara e os aterros dos campos do Sul; Tradição Vieira (SCHMITZ, 2006).

Os Guaranis estavam distribuídos pelas áreas subtropicais de mata ao longo de grandes rios como Uruguai, Jacuí, entre outros. Considerados “horticultores de floresta tropical”, sua

economia era baseada em pequenas roças ou hortas para obtenção de carboidratos sob responsabilidade das mulheres, estas cultivavam milho, aipim, abóbora, feijão, amendoim, batata doce, fumo e algodão, já sob responsabilidade dos homens estava à caça e pesca (SCHMITZ, 2006). Em relação às roças

o cultivo era feito com uma tecnologia primitiva com as seguintes etapas: o corte do mato, a queimada, o cultivo nesta roça sem remover os troncos e sem afofar o chão, a colheita, enquanto o inço não cobria os cultivos, o abandono do terreno inçado para cortar novo trecho de mato. O ciclo fechava-se em apenas 3 anos (SCHMITZ, 2006, p. 42)

Realizavam, também, coleta de frutos, fungos, folhas e raízes para obter proteínas. Viviam concentrados em aldeias construídas na mata com troncos e palha, estas se interligavam por caminhos que iam do interior até o litoral. Havia líderes locais chamados de “caciques” os quais desenvolviam ao mesmo tempo liderança política, filosófica, religiosa e curadora (SCHMITZ, 2006).

É possível afirmar que “o Tupi-Guarani era nesse tempo um pequeno agricultor eficiente na exploração da floresta e um grande ceramista” (SCHMITZ, 2006, p. 36). Possuíam uma cultura material bastante diversificada, o ambiente supria as necessidades do grupo, pois, além da argila para a produção de cerâmica e vasilhames e rochas para a elaboração de implementos - por mais que os artefatos de pedras sejam extremamente raros -, o meio oferecia materiais para produção de tecelagem, cestaria e canoas. Os recipientes cerâmicos são de grande porte, pintados e apresentam decorações corrugadas, por volta de 700 a 800 d. C.

Estas peças eram decoradas com padrões característicos dos Guaranis: as utilitárias de todo dia, tinham a superfície externa coberta com impressões regulares da polpa do dedo, da borda da unha, da ponta de um estilete, ou eram lisas; um outro conjunto, melhor trabalhado, era pintado, às vezes com um vermelho ou preto sobre uma base branca (SCHMITZ, 2006, p. 41)

Os primeiros sítios descobertos da Tradição Taquara se encontram no litoral. Ao que tudo indica esta tradição foi contemporânea dos Guaranis, com contato durante 2 mil anos, podendo haver miscigenação, sendo conhecidos como “guaranizados”. Outros evitaram o contato e historicamente ficaram conhecidos como Guaianás (XVII e XVIII), Coroados ou Botocudos (XIX), Kaingang e Xokleng (XX) (SCHMITZ, 2006).

A cerâmica produzida por essa tradição apresenta recipientes pequenos, compostos de tigelas abertas e potes cilíndricos, com variada decoração impressa, podendo ser identificados negativos de cestaria, depressões de vários formatos e também de unhas. A

tradição em questão é caracterizada pelas “casas subterrâneas, galerias nas encostas dos morros e taipas fechando espaços à semelhança de fortificações, terraços de terra e pedra, além de montículos mortuários e/ou cerimoniais” (SCHMITZ, 2006).

Assim como nas outras tradições, a economia da Tradição Vieira continuou sendo da caça, coleta e pesca. Os artefatos líticos encontrados em sítios pertencentes a esta tradição apresentam pedras com covinhas, polidores, facetas polidas e percutores, esses equipamentos eram utilizados principalmente para trituração de alimentos e preparo do couro. Artefatos de ossos também eram confeccionados, como pontas de projétil, anzóis e furadores. Contudo o elemento mais abundante é a cerâmica. Os recipientes exibem paredes finas e antiplástico grosseiro de quartzo, sendo, inicialmente, sem decorações e acabamentos, posteriormente começam a apresentar depressões rasas produzidas com a polpa do dedo (SCHMITZ, 2006).

Estas tradições ocuparam o vasto território do Rio Grande do Sul por milênios e desenvolveram culturas com características próprias se adaptando a ambientes específicos.

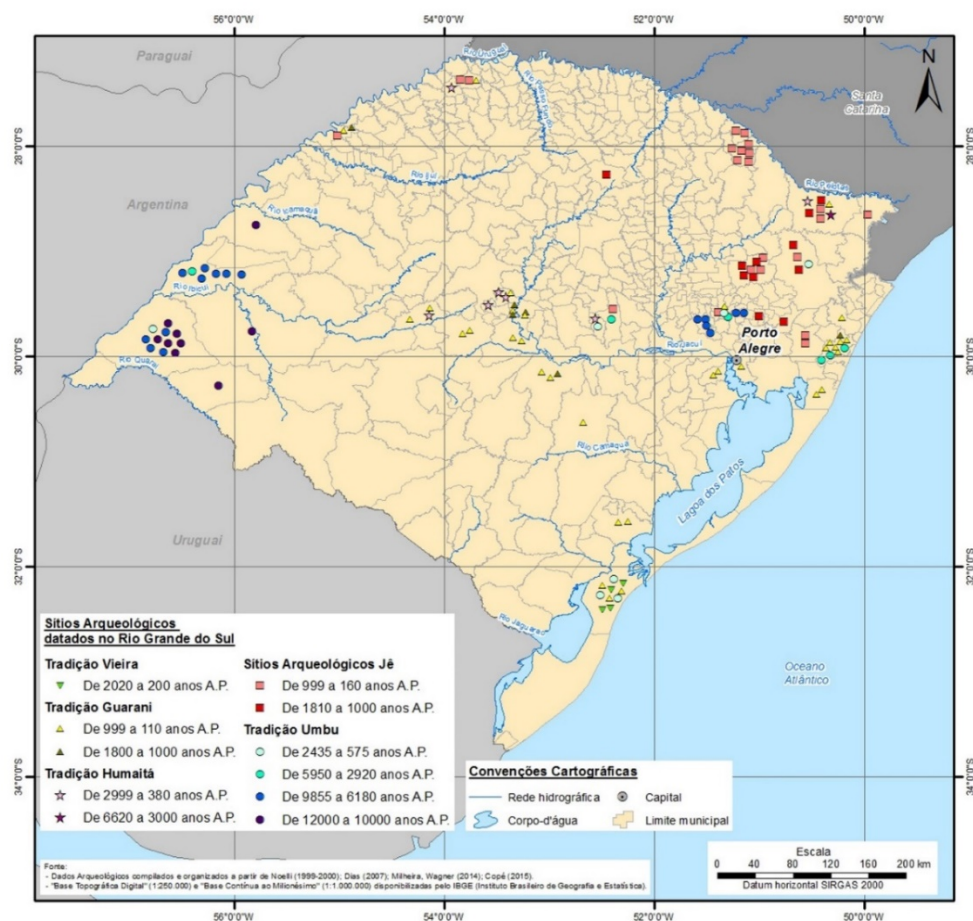


Figura 11. Sítios arqueológicos datados no Rio Grande do Sul. Elaboração: Danilo Alexandre Galhardo. Fonte: GALHARDO, et al, 2018.

Remanescentes de ocupação da História Antiga em Novo Barreiro/RS

A insuficiência de pesquisas a respeito dos primeiros grupos a habitar a região Norte do estado do Rio Grande do Sul, especificamente o município de Novo Barreiro, não permite o estabelecimento de informações absolutas, porém a partir dos vestígios arqueológicos encontrados por moradores e, ainda, fazendo um paralelo etnográfico e articulado com o contexto geral de ocupação do estado, pode-se constatar que o povoamento, ou melhor, a chegada dos grupos de caçadores-coletores na região, ocorreu no início do período holocênico (KOLLING, 2020).

É possível fazer esta constatação em razão do número significativo de artefatos líticos encontrados por moradores no município e as tradições que, possivelmente, pertencem. Estes objetos, atualmente se encontram nas casas dos munícipes, mas foram coletados em locais que hoje ou em algum momento foram de plantio. É comum em razão da preparação da terra e da ação das grandes máquinas agrícolas, a remanescência de vestígios/artefatos no solo e sua coleta pelos moradores, muitos desses objetos, inclusive, se encontram quebrados ou apenas em lascas.

Serão apresentados dois acervos pessoais, um do Professor Sandro Luís Kolling e outro do Professor João José Klein, ambos moradores do município de Novo Barreiro. Salienta-se que não há lugares de memória apropriados para a guarda desses objetos no município, sendo assim, os artefatos foram encontrados e são mantidos sob os cuidados dos próprios moradores.

Na Vila Preste, interior do município, foram encontradas duas pontas de projéteis, ambas bem conservadas. No entorno do local dos achados há vertentes de água próximas, sendo a mais distante cerca de 290m de distância. A presença de fontes é um fator significativo, pois sugere pensar um lugar plausível de ser habitado pelos primeiros grupos.



Figura 12. Localização dos artefatos líticos da Vila Preste. Fonte: Google Earth.

As pontas dos projéteis fazem parte do acervo pessoal do professor Sandro Luís Kolling e foram encontradas segundo informações do proprietário, há cerca de 36 anos nas terras de seus pais. Os dois artefatos se encontravam próximos, com apenas uma parte acima da superfície. Ambas estão bem conservadas e sem sinais de fratura, aparentemente com seus formatos originais



Figura 13. Ponta de projétil. Fotografia: Lieli C. Kolling.



Figura 14. Ponta de projétil. Fotografia: Lieli C. Kolling.

Vale ressaltar que

o lascamento das pedras era efetuado procurando-se criar gumes cortantes e/ou arestas pontiagudas, em seguida, de acordo com a função a que se destinava, poderia receber o encabamento de madeira, ou, caso o cabo fosse descartado, priorizava-se seixos até certo ponto anatômicos, permitindo seu encaixe na mão de forma confortável (VICROSKI, 2011)

As pontas dos projéteis eram utilizadas como ferramentas de caça ou combate, a partir delas se faziam lanças, flechas, dardos entre outros instrumentos.



Figura 15. Principais etapas do processo de confecção de um artefato lítico lascado. Ilustração: VICROSKI, 2011, p. 92. Fotografia: Lieli C. Kolling.

Na localidade da Linha Olária, também foram encontrados vários artefatos líticos. Segundo o proprietário das terras, professor João José Klein, a área que hoje tem plantação de timbó, era lavoura, o que justifica o aparecimento destes artefatos na superfície. Em visita ao local dos achados se observou que, assim como no local de vestígios da Vila Preste, este também apresenta fontes de água próximas. Há duas nascentes, uma que sustenta um açude na propriedade e outra que é canalizada e utilizada para consumo.



Figura 16. Localização dos artefatos líticos da Linha Olária. Fonte: Google Earth.

Em relação ao estado de conservação dos artefatos deste acervo pessoal, pôde-se constatar que apresentam desgastes e sinais de fratura, mas é possível perceber e compreender suas características e formatos originais. Tais marcas podem ter sido ocasionadas pela sua utilização, mas também pelos milênios em que se encontram na terra.

Os grupos de caçadores-coletores dedicavam um tempo considerável para a fabricação de seus instrumentos,

a matéria prima para a produção desses instrumentos provém de seixos do rio, blocos ou afloramentos rochosos e é trabalhada, de acordo com a sua natureza, por lascamento, picoteamento ou polimento. Calcedônia, arenito, quartzo e quartzito são trabalhados por percussão; basalto, diorito e outras rochas semelhantes geralmente por picoteamento ou polimento (SCHMITZ, 2006)

Os artefatos produzidos podiam ser obtidos pelas técnicas de polimento e picoteado, mas, geralmente, em primeiro momento picoteava-se para dar forma ao objeto e após se concluía com o polimento. No entanto também ocorria o inverso, como em exemplares de lâminas de machado polidas, que tinham sua porção preensiva picoteada, a fim de deixá-la rugosa e com maior aderência (GARCIA, 2015)

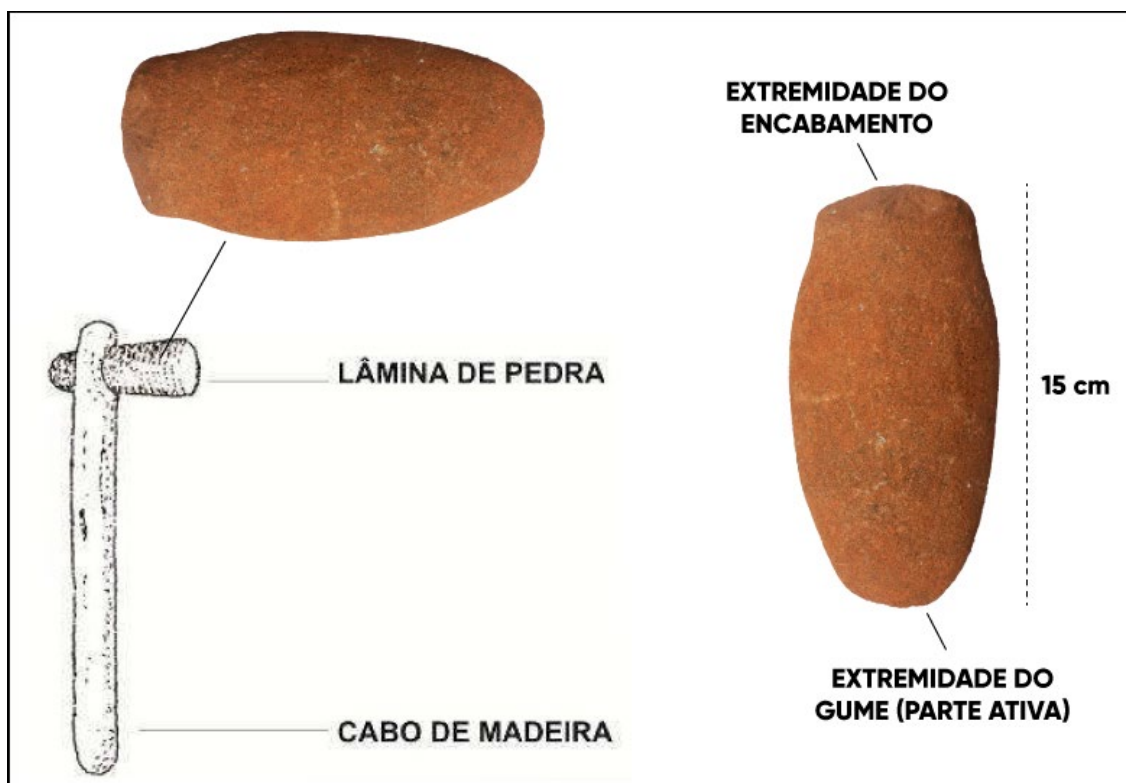


Figura 17. Representação gráfica de um machado com cabo de madeira. Ilustração: Lieli C. Kolling, baseada em VICROSKI, 2011, p. 112.

Lâminas de machado, utilizadas para atender as necessidades, principalmente, relacionadas à caça e alimentação, estão presentes na indústria lítica da Tradição Umbu, o que sugere uma possível ocupação por esta tradição no município, em virtude de ser encontrado este tipo de vestígio. Contudo, também não se pode descartar a possibilidade de tais vestígios estarem relacionados com outros grupos, como os ancestrais dos povos Kaingang e Guarani (Tradições Taquara e Tupi-guarani).



Figura 18. Lâmina de machado. Fotografia: Lieli C. Kolling.

Garcia (2015) ressalta que há artefatos de uso passivo e ativo, considerando que os primeiros são os recipientes confeccionados para que corantes e grãos cereais pudessem ser processados, como pilões e mós. Já os ativos englobam uma série de artefatos, como a mão de pilão encontrada no município, utilizados em conjunto com os passivos no processamento de materiais.



Figura 19. Mão de pilão. Fotografia: Lieli C. Kolling.

O acervo pessoal do Professor João José Klein, também conta com bolas de boleadeira, vale ressaltar que a ocorrência desses artefatos no Brasil também está associada à Tradição Umbu, grupo que as utilizava como estratégia e instrumento de caça. Uma curiosidade a respeito das boleadeiras é a continuidade ressignificada na figura do gaúcho.



Figura 20. Bola de boleadeira. Fotografia: Lieli C. Kolling.



Figura 21. Bola de boleadeira. Fotografia: Lieli C. Kolling.



Figura 22. Bola de boleadeira. Fotografia: Lieli C. Kolling.

Esses instrumentos eram feitos a partir de seixos de pedras, produzidos sulcos a partir de polidores fixos (grandes blocos ou lajes naturais) ou manuais (blocos de rochas de superfícies ásperas e ricas em sílica como granito e arenito) para encaixar as correias, essas na maioria das vezes feitas com cipós ou matéria-prima semelhante.

Outro artefato presente no acervo é um percutor. Os percutores foram seixos de diferentes matérias-primas, classificados como mole quando de madeira, osso ou chifre, e duros quando de rochas consistentes como basalto e granito. Eram utilizados nas indústrias líticas para a extração de lascas e lâminas que pudessem servir como objetos úteis para cortar, raspar ou perfurar superfícies (GARCIA, 2015).

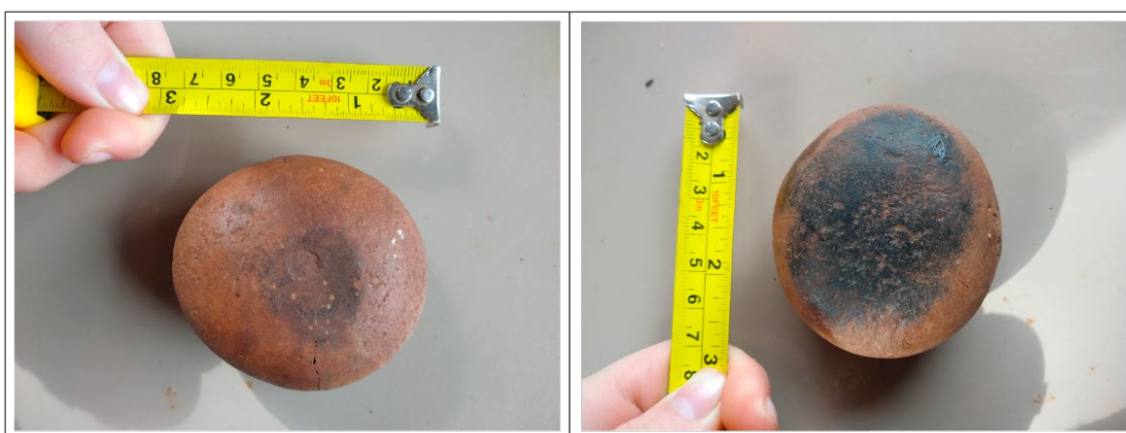


Figura 23. Percutor. Fotografia: Lieli C. Kolling.

O acervo pessoal conta também com um artefato curioso. Ele não configura uma ferramenta utilitária, assim credita-se o seu uso em rituais. Pesquisas arqueológicas evidenciam vestígios semelhantes a este e se supõe que

utensílios como cunhas e lâminas de machado possuíam seus correspondentes em madeira, aqueles em pedra nem sempre destinavam-se a sua função primordial. Portar tais instrumentos poderia ser apenas um indicador de prestígio, muitos sepultamentos são acompanhados de artefatos polidos sem marcas de utilização, o que denota sua utilização cerimonial (VICROSKI, 2011)



Figura 24. Suposto artefato ritualístico. Fotografia: Lieli C. Kolling.

A distância em linha reta entre os locais de ocorrência destes vestígios é de aproximadamente 1,91 Km.

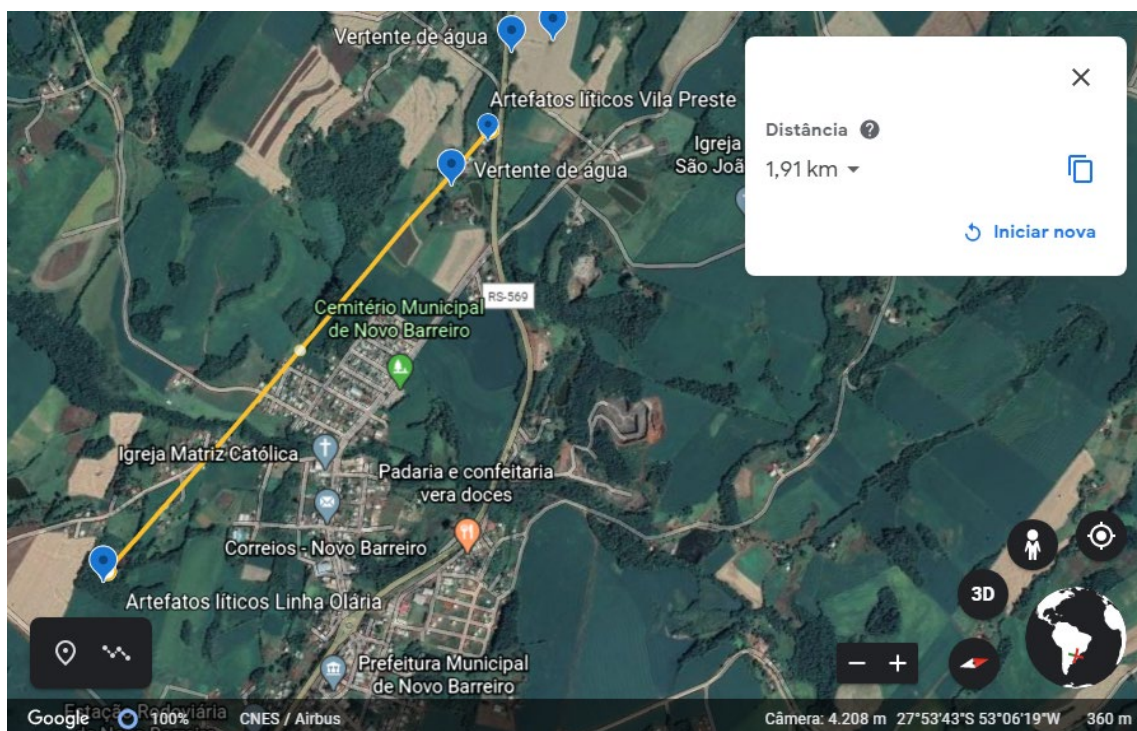


Figura 25. Distância entre os locais encontrados vestígios arqueológicos. Fonte: Google Earth.

De modo geral, os vestígios arqueológicos apresentam um processo de ocupação e povoamento articulado com o restante do estado do Rio Grande do Sul. É possível afirmar que o início deste processo ocorreu na região Norte, especificamente no município de Novo Barreiro, durante o período Holoceno Inicial com a chegada de caçadores-coletores.

O potencial arqueológico apresentado se constitui como patrimônio histórico e cultural do município. O conhecimento dos eventos históricos ali perpetrados contribui para valoração do espaço, para a preservação e para compreensão dos processos de ocupação humana na região norte do Rio Grande do Sul.

Considerações Finais

Este artigo pretendeu apresentar lugares nem sempre contemplados pela pesquisa histórica e arqueológica, como é o caso do município em estudo, procurando contribuir e agregar conhecimentos de uma abordagem regional a um contexto macro.

A partir do tratamento analítico e interpretativo das fontes líticas e em razão da quantidade de artefatos encontrados, credita-se que grupos de caçadores-coletores habitaram o local em estudo por um período de tempo considerável. De modo geral, os vestígios arqueológicos apresentam um processo de ocupação e povoamento articulado com o restante do estado do Rio Grande do Sul. Dessa forma, é possível supor que o início deste

processo ocorreu na região durante o período Holoceno Inicial com a chegada dos caçadores-coletores, quebrando a ideia de que os primeiros habitantes foram imigrantes europeus.

Por fim, os artefatos líticos apresentados nesse artigo constituem-se como um importante registro arqueológico da História Antiga. Os vestígios apresentam valores científicos e culturais integrados a memória histórico-cultural dos locais em que foram encontrados, de modo que a preservação e integridade de tais vestígios garante a construção e transmissão de conhecimento.

Referências bibliográficas

FUNARI, Pedro Paulo. Os Historiadores e a Cultura Material. In: PINSKY, Carla Bassanezy. (org.). **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

GALHARDO, Danilo Alexandre. et al. Modelização gráfica da Pré-História do Rio Grande do Sul: Os Sítios arqueológicos ameríndios, culturas e temporalidades. **Revista Franco-brasileira de Geografia**, n. 36, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/13918>. Acesso em: 06 set. 2020.

GARCIA, Anderson Marques. Arqueologia Pré-Colonial: Tipos de Artefatos líticos e seus modos de produção. IN: SEMANA NACIONAL DE MUSEUS DA UNIFAL-MG, VII, 2015. **Anais- VII Semana Nacional de Museus na UNIFAL-MG**. Alfenas. p. 1-12. 2015.

KERN, Arno. et al. **Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

KERN, Arno Alvarez. **Antecedentes indígenas**. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

KOLLING, Lieli Coelho. **Abrigos subterrâneos e vestígios da história antiga em Novo Barreiro/RS**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade de Passo Fundo: Passo Fundo, 2020.

NOELLI, Francisco Silva. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas 1872 – 2000. **Revista USP**, São Paulo, n. 44, p. 218-269, dez./fev. 1999-2000.

PROUS, André. **Pré-História Brasileira**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. 1992.

SCHMITZ, Pedro Ignácio (Org.). **Arqueologia do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas- UNISINOS, 2006.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Pré-História do Rio Grande do Sul**. Documentos 05. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/Unisinos, 1991.

VICROSKI, Fabricio José Nazzari. **O Alto Jacuí na Pré-História: subsídios para uma arqueologia das fronteiras**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo: UPF, 2011.